

Isaac Kerstenetzky

Annibal V. Villela

Conhecemo-nos em agosto de 1950, quando fui trabalhar na Equipe da Renda Nacional do Núcleo Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas, que antecedeu o Instituto Brasileiro de Economia.

Fizemos amizade rapidamente e ele me fez conhecer Calógeras, apresentando-me com *Problemas de governo e Formação histórica do Brasil*, este último encadernado artesanalmente por seu avô e até hoje em excelente estado.

No final de 1950, como presente de Boas-festas, deu-me o *Humanismo integral*, de Maritain, pois se admirara de que eu, como católico, não conhecesse esse famoso pensador. Em resumo, em poucos meses Isaac ampliou meus acanhados horizontes, levando-me a interessar-me, daí em diante, pelas demais obras desses dois grandes homens.

Juntos, no período 1950/51, estudamos do princípio ao fim o *Social framework* de Hicks, o qual, embora escrito em 1942, em sua reimpressão de 1950 ainda constituía uma excelente introdução à Economia.

Sem dúvida, quando o conheci já era mais bem preparado do que qualquer um de nós, jovens economistas da Equipe da Renda Nacional, apesar de haver cursado a Faculdade de Economia na época do currículo antigo (mudado a partir de 1946 por inspiração do Prof. Gudín), cuja duração era de três anos. Já era, então, um autodidata convicto, embora mais tarde tenha feito o mestrado em Economia em McGill e obtido o diploma de pós-graduação em planejamento econômico no Curso de Planejamento, em Haia, onde estudou com Tinbergen, do qual se tornou amigo.

Terminando a quinta série ginásial no Colégio Pedro II, fez vestibular direto para a Faculdade de Economia, que àquela época não exigia os dois anos de Curso Complementar, como as demais escolas. Por isso, com cerca de 20 anos já era bacharel em Ciências Econômicas.

Recordava-se sempre com apreço das aulas de Jônatas Serrano, professor de História Universal no Colégio Pedro II. Não tenho dúvida de que esse famoso professor incutiu nele o gosto pela História — da civilização, do Brasil, Econômica e do Pensamento Econômico, em particular, disciplina que ele lecionava ultimamente.

Escreveu relativamente pouco, principalmente se se levar em conta sua vasta erudição em Economia. Alegava que não tinha nada de novo a dizer. É pena, pois teria podido, com grande competência, escrever comentários a livros, artigos e relatórios técnicos. Quantas vezes mostrou-me incongruências ou fraquezas em trabalhos que gozavam de grande fama. Todavia,

seus artigos em co-autoria com Werner Baer sobre a Economia brasileira tornaram-se clássicos, como por exemplo:

- Import substitution and industrialization in Brazil. In: *American Economic Review*, May 1964;
- Patterns of Brazilian economic growth. *Paper* apresentado numa conferência em Cornell, 1966;
- The Brazilian economy. In: *Brazil in the sixties*, editado por Riordan Roett, Vanderbilt University Press, 1972;
- The changing role of the State in the Brazilian economy: *World Development*, Feb. 1976.

Sem alarde, era grande conhecedor da obra de Marx e de seus seguidores. Ao queixar-me de não conseguir entender *O Capital*, recomendou-me ler a *Teoria do desenvolvimento econômico*, de Sweezy, o que fiz com real proveito. Mesmo assim, essa leitura não me despertou o apetite para voltar a enfrentar *O Capital*.

Por ser Schumpeter seu autor favorito, pelo amplo escopo de sua obra, presenteou-me no Ano-Novo de 1964 com a *History of economic analysis*.

Certa vez, comoveu-me pela maneira eloqüente com que expressou sua admiração pela tradição da Igreja Católica de conceder asilo. E nunca me falou das vezes em que alguns representantes dessa Igreja haviam procedido de maneira injusta ou intolerante com os judeus, embora pudesse fazê-lo, dada nossa amizade.

Lembro-me bem que na tarde do dia do *deadline* dado por Kennedy a Krushev, para retirar os mísseis instalados em Cuba, fiz uma palestra sobre os métodos de planejamento econômico na URSS. A sala na Biblioteca Nacional era grande e a audiência murchara muito, devido à gravidade do momento. Lá estavam algumas senhoras idosas (não entendi por quê) e o Isaac. Foi ele quem salvou a parte das perguntas e dos comentários...

Ele vivia, com naturalidade, o modelo do graduado de Harvard, do qual se diz: “You can tell a Harvard man, but you cannot teach him”, pois estava sempre a par do que se discutia.

Em 1968, em companhia de Chacel, proferiu na Brookings Institution, em Washington, uma palestra sobre a Economia brasileira. Até hoje recordo-me da clareza de sua exposição e da facilidade com que respondeu às perguntas.

Conhecedor profundo da obra de Balzac, principalmente da *Comédia humana*, aconselhou-me a ler esse autor para apreciar sua sensibilidade quanto aos problemas econômicos e sociais da época — sou-lhe grato por isso — e muitas vezes comentamos os seus personagens.

Os 11 anos na Presidência do IBGE constituíram o período áureo de sua vida profissional. A par de restaurar a credibilidade da instituição, que fora fortemente abalada pelo malogro do Censo de 1960, sua administração

inovou em várias áreas, dentre as quais sobressaíram a elaboração da primeira matriz de relações interindustriais, a Pnad, o Endef, os estudos sobre ecologia, o início dos estudos para a construção de uma matriz energética e, *last but not least*, a informatização do órgão. Pela primeira vez em sua história, o Instituto passou a operar com objetivos claramente definidos, de maneira a fornecer informações úteis à tomada de decisões econômicas e sociais.

Nos anos difíceis do Governo Médici, Isaac exerceu com gentil firmeza — sendo um homem tímido e manso — sua prerrogativa de nomear profissionais competentes para diversos cargos no IBGE, mesmo quando havia fortes pressões contrárias dos “órgãos de segurança”.

Um exemplo de sua atitude intelectual é o fato de que apesar de Jacob Viner ser considerado um economista conservador, pois deu pouca atenção aos problemas do subdesenvolvimento, Isaac (que, como os demais membros da Equipe da Renda Nacional, o conheceu durante as semanas que passou no Rio, fazendo conferências na FGV, a convite do Prof. Gudin) tinha grande consideração por sua obra teórica e pelo amplo espectro de seus interesses. Aliás, isso deu-me a oportunidade, muitos anos depois — em 1972 —, de apresentá-lo com um exemplar das Jayne Lectures de 1966, que Viner proferira na American Philosophical Society, intituladas *The role of providence in the social order — an essay in intellectual history*.

Ele manteve inalterável sua convicção de que o planejamento continuava sendo necessário nos tempos atuais, uma vez que era a única maneira de se antecipar e agir sobre os fenômenos econômico-sociais. Acentuava que o planejamento era não apenas um conjunto de técnicas e procedimentos mas, principalmente, uma atitude. Daí dar pouca importância à elaboração de planos, que nada mais eram do que um ritual, que deixava de lado o fato de que o planejamento é uma operação eminentemente dinâmica.

No correr dos anos passei a chamá-lo de “rabino”, no sentido hebraico de “mestre”, pois ele não só ficara mais circunspecto, como também se tornara óbvia sua enorme erudição e seu profundo interesse pelos aspectos filosóficos das disciplinas sociais.

Grande conhecedor de música clássica, não entrou na era dos *compact discs* nem dos VCR, contentando-se, como me dizia, com fitas cassetes convencionais, das quais possuía grande coleção.

Não obstante nossas diferenças de temperamento, convidou-me várias vezes para realizar seminários em seu Curso de Planejamento, na EPGE e na FEA-UFRJ, fazendo sempre intervenções apropriadas.

Particpei com ele de três bancas examinadoras e em duas delas divergimos bastante quanto às notas dadas, mas tudo no melhor ambiente acadêmico, sem qualquer ressentimento posterior.

Perdi um grande amigo que, como tentei mostrar, muito me influenciou; e seus estudantes da PUC-Rio, EPGE e UFRJ perderam um grande professor, não por ser eloqüente, pois não o era, mas por seu grande saber, que o levava a dar excelentes aulas e a anotar e discutir minuciosamente os trabalhos a ele apresentados.